



Educação ambiental em propriedades rurais pedagógicas: um mundo de experiências, sabores e saberes

Angela Luciane Klein¹

Marcelino de Souza²

Alessandra Troian³

Resumo: O presente artigo tem como objetivo evidenciar o papel desempenhado pelas propriedades rurais pedagógicas na promoção da educação ambiental. A análise tem como base os resultados de uma pesquisa realizada em propriedades rurais que integram o Roteiro Caminhos Rurais de Porto Alegre (RS) e o projeto 'Viva Ciranda', de Joinville (SC). Metodologicamente, utilizou-se a observação das atividades educativas propostas e entrevistas semiestruturadas, realizadas com 11 proprietários, donos de propriedades que desenvolvem atividades com crianças, e 22 professores, responsáveis pelas turmas que visitaram estes espaços. Como principais resultados, evidenciaram-se as múltiplas experiências práticas possibilitadas aos alunos, onde os sentidos são constantemente estimulados pelos sabores, cheiros, cores e sons. Conclui-se que essas propriedades constituem verdadeiros laboratórios de aprendizagens que contribuem sobremaneira para o processo de educação ambiental e valorização da natureza.

Palavras-chave: Propriedades rurais pedagógicas. Experiências educativas. Educação Ambiental.

Environmental education in pedagogical rural farms: a world of experiences, flavors and knowledge

Abstract: This article aims to highlight the role played by educational farms in promoting environmental education. The analysis is based on the results of a survey conducted on farms that are part of the Roteiro Caminhos Rurais de Porto Alegre (RS) and the project 'Viva CIRANDA', Joinville (SC). Methodologically, we used the observation of the educational activities proposed

¹ Pedagoga (UFSM), especialista em Educação Ambiental (UFSM), mestre em Desenvolvimento Rural (UFRGS) - CEP 05061050 - São Paulo - Brasil. angelaklain@yahoo.com.br.

² Agrônomo (UEL), Mestre em Extensão Rural (USFM), Doutor em Engenharia Agrícola (UNICAMP) e Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - CEP 90040-320- Porto Alegre - Rio Grande do Sul - Brasil - marcelino.souza@uol.com.br.

³ Bacharel em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial (UERGS), Mestre em Extensão Rural (UFSM), Doutora em Desenvolvimento Rural (UFRGS) - CEP 90010-312 - Porto Alegre - Rio Grande do Sul - Brasil - xatroian@gmail.com.

and semi-structured interviews with 11 owners, property owners who develop activities with children, and 22 teachers responsible for classes that have visited these spaces. The main results showed up multiple experiments practices enabled students, where the senses are constantly stimulated by the tastes, smells, colors and sounds. We conclude that these properties are true laboratories of learning that contribute significantly to the process of environmental education and appreciation of nature.

Keywords: Teaching rural properties. Educational experiences. Environmental Education.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos atualmente um período profundamente marcado pelas inovações tecnológicas e pelo excesso de informações. Um tempo que tem trazido à tona uma nova configuração social, com novas maneiras de se relacionar e estar no mundo.

Nesse cenário de constantes transformações, emerge uma geração cujas habilidades voltadas para o universo tecnológico surpreendem continuamente as gerações anteriores. Crianças que, desde a mais tenra idade, passam a dominar com enorme rapidez e facilidade jogos eletrônicos, aparelhos celulares e internet, utilizando as tecnologias digitais no seu cotidiano. Adolescentes que passam maior parte do tempo conectados ao mundo virtual, fazendo amizades com pessoas de diferentes regiões e recebendo a todo o momento uma infinidade de informações relacionadas a acontecimentos do mundo inteiro.

No entanto, apesar de dominarem uma infinidade de informações, essa nova geração têm evidenciado uma carência de experiências significativas, que lhe sejam marcantes, indelévels. Crianças e adolescentes que sabem muito do universo virtual, mas que estando inseridas em contextos onde os espaços para “o brincar” e “o experienciar” estão cada vez mais limitados, possuem um contato cada vez mais indireto e distante com o meio natural e com o patrimônio cultural, evidenciando sentimentos de não pertencimento com o seu ambiente.

Surge assim, várias reflexões relacionadas ao questionamento ‘o que fazer? Em seguida, como resposta a este dilema, uma das palavras que nos vêm à mente é ‘escola’. Isso porque, é na escola que passamos uma boa parte da nossa infância e adolescência, um espaço cuja principal função é formar cidadãos, sujeitos críticos com valores, com cultura, que adquiram conhecimentos relacionadas à natureza e sociedade, dentro de determinado processo histórico.

Contudo, o modelo de escola que temos nos dias atuais parece não conseguir desenvolver esta função e muito menos, se adequar a esse novo ambiente e perfil de aluno.

O que observamos é uma escola com uma educação que, segundo Duvoisin (2002), encontra-se centrada em instruções acabadas, onde os educandos apenas reproduzem o modelo exposto, tornando-se incapazes de utilizar tais conteúdos em outras situações.

Esta crise no contexto educacional tem evidenciado a necessidade e urgência da incorporação de uma nova concepção de educação, com novas metodologias, que considerem não apenas a teoria, o ato de ler, mas, sobretudo, a experiência, o sentir, o experimentar (MAGALHÃES, 2004). Uma escola que, além de inserir-se neste mundo das novas tecnologias de informação e comunicação, busque desenvolver estratégias metodológicas que possam ir além dos muros escolares, que explorem outros ambientes educativos, promovendo não apenas novos conhecimentos, mas principalmente, novas aprendizagens e novas experiências em contato com a natureza, com a cultura e os povos.

Neste contexto, surge um movimento de valorização de novos espaços que outrora eram vistos como locais sem qualquer função educativa e que, no panorama contemporâneo, têm emergido como verdadeiros laboratórios de aprendizagem ao ar livre. É o caso, por exemplo, das propriedades rurais pedagógicas. Compreendidas até então como locais destinados à moradia das famílias rurais e à produção agrícola e pecuária, as propriedades rurais passaram a receber novo enfoque a partir do momento em que abriram suas portas para receber crianças e adolescentes provenientes de escolas e a mostrar o trabalho dos agricultores, evidenciando os saberes e fazeres adquiridos ao longo dos tempos.

No Brasil, esta proposta ainda é muito recente, não existindo muitas experiências em desenvolvimento e também, pesquisas de caráter científico relacionadas a esta temática que possibilitem um entendimento mais aprofundado acerca das suas características e implicações para o campo da educação. No cenário internacional, porém, observa-se o surgimento e a expansão de um conjunto significativo de experiências envolvendo propriedades rurais pedagógicas, sobretudo em países como França, Itália, Noruega, Portugal, Estados Unidos e Japão, os quais têm evidenciado uma série de benefícios relacionados às questões ambientais, culturais e sociais.

Partindo dessas premissas, o presente artigo tem como propósito evidenciar o papel desempenhado pelas propriedades rurais pedagógicas na promoção da educação ambiental. Para isso, utilizar-se-á como base de análise alguns resultados de uma investigação

científica⁴, cujo principal objetivo consistiu no estudo das atividades de turismo rural pedagógico, enquanto prática educativa a ser desenvolvida em complemento ao ensino escolar, tendo como base empírica duas experiências distintas: o projeto ‘Viva Ciranda’, de Joinville (SC) e o Roteiro Caminhos Rurais de Porto Alegre (RS).

Desse modo, discutem-se inicialmente algumas questões relacionadas à nova geração de crianças e adolescentes e os desafios e dilemas da escola diante dessa conjuntura. Consecutivamente, faz-se uma breve análise teórica dos aspectos relacionados à Educação Ambiental na contemporaneidade. Posteriormente, busca-se dialogar acerca das características das propriedades rurais pedagógica, para em seguida, apresentar os principais resultados e análises do estudo realizado.

2 A “NOVA” GERAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES E OS DESAFÍOS DA ESCOLA DIANTE DAS CONFIGURAÇÕES SOCIAIS ATUAIS

O cenário atual tem sido profundamente marcado por mudanças diversas, tanto no campo da política e economia, quanto na esfera social, cultural e das tecnologias. Fala-se em ruptura dos paradigmas, globalização, sustentabilidade, virtualidade, cultura digital, em sociedade da informação e do conhecimento (GADOTTI, 2000).

Em meio a este panorama, o desenvolvimento e expansão das novas tecnologias de informação e comunicação trouxeram à tona uma nova configuração social, introduzindo novas formas de pensar e se relacionar com as pessoas e com o mundo. Consequentemente, emerge uma geração que, cada vez mais precocemente, está dominando as tecnologias de informação e comunicação, tendo acesso a uma variedade de recursos tecnológicos, os quais acabam influenciando no seu modo de estudar, aprender e compreender o mundo (SANTOS; SCARABOTTO; MATOS, 2011).

São crianças e adolescentes que passam a maior parte de seu tempo envolvidas com jogos eletrônicos, celulares e internet, estando constantemente conectados às redes sociais e ao mundo virtual. Uma geração com uma série de habilidades que os destacam no que concerne ao domínio de aparatos tecnológicos, mas com uma carência alarmante de vivências práticas, experiências significativas relacionadas à natureza, que lhes permitam

⁴ A pesquisa resultou na Dissertação de Mestrado intitulada “Turismo rural pedagógico e a função educativa das propriedades rurais: uma análise a partir do roteiro Caminhos Rurais de Porto Alegre-RS e do Projeto Viva Ciranda, Joinville- SC”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PGDR/UFRGS, no ano de 2012.

perceber um mundo capaz de desenvolver aprendizagens essenciais ao seu processo formativo.

Para Nasolini (2005), a criança dos tempos atuais, em comparação com as crianças de gerações anteriores, não tem mais a oportunidade de explorar, por meio de experiências diretas, os elementos da natureza como a terra, as árvores do campo, as margens dos rios, ou brincar com os animais. Observa-se que a relação das crianças com a natureza na sociedade atual está cada vez mais indireta e distante.

Em face disso, o referido autor chama a atenção para o desconhecimento das novas gerações em relação à origem dos alimentos e do trabalho na terra. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Conselho Europeu dos Jovens Agricultores, com 2.400 crianças com idade entre nove e dez anos, cerca de 50% não sabem de onde vem o açúcar, 75% desconhecem a origem do algodão, somente 40% conseguiram relacionar o pão de trigo com a farinha e para completar, 75% das crianças consideraram como pouco atraente o trabalho do agricultor, sendo visto como difícil e "*sujo*", embora muitas dessas crianças nunca estiveram numa propriedade rural (NASOLINI, 2005)

Segundo Franco e Senni (2005), esses números demonstram a falta de conhecimento das novas gerações acerca das características da vida no meio rural e de experiências relacionadas aos sentidos, como apreciar o cheiro da terra, das flores e árvores, do leite fresco, das sensações causadas pelo contato com os animais e plantas.

Para Jolly *et al.*, (2004), o atual estilo de vida das crianças e jovens tem consequências preocupantes, acarretando uma série de problemas relacionados à saúde física e psicológica. Sobrepeso, transtornos alimentares, diabetes, sedentarismo e distúrbios de comportamento têm aumentado consideravelmente nos últimos anos entre jovens e crianças, exigindo da sociedade novas estratégias capazes de alterar esse quadro alarmante e que possibilitem um estilo de vida mais ativo e saudável.

Tais questões nos remetem a outra problemática que tem gerado amplo debate no contexto acadêmico, político e social, qual seja, os desafios e dilemas que o sistema educacional atual enfrenta diante desse novo perfil de estudante que frequenta as salas de aula. Problemas como desinteresse dos alunos, indisciplina e evasão escolar concorrem com as críticas relacionadas ao tipo de currículo, métodos avaliativos, conteúdos e metodologias adotadas nas escolas, bem como, ao (des) preparo dos professores frente às novas tecnologias de comunicação e informação.

Na análise de Duvoisin (2002) a escola deveria compreender que, contrariamente à ação que historicamente tem desenvolvido, de estimular o acúmulo da informação (cabeça

bem cheia), no contexto atual o mais importante é que os alunos adquiram uma aptidão geral para encarar os problemas e aprendam princípios organizadores que possibilitem relacionar os saberes e lhes conferir sentido. Trata-se de estimular a curiosidade, instigando sua aptidão interrogativa e orientando-os para os problemas fundamentais de nossa época.

Barcelos (1999), por sua vez, expõe que a escola deveria, em primeira instância, possibilitar que as crianças cresçam integradas à sociedade e não submetidas a ela. Daí a necessidade e urgência em compreender o papel desempenhado pela escola diante das novas configurações da sociedade contemporânea e também, a importância de reavaliar as concepções sobre educação e suas implicações nos processos educativos propostos. Implica ainda, em reconhecer que a escola, embora exerça importante função social, não se constitui no único espaço que possibilita o desenvolvimento das potencialidades do indivíduo e de aquisição de conhecimentos.

Observa-se hoje ações pedagógicas múltiplas na sociedade atual, na qual o pedagógico perpassa por diferentes espaços sociais, indo muito além do âmbito escolar formal e daquela visão tradicional de ensino, cunhada há séculos atrás. Nesses termos, o educador já não é mais apenas o professor, mas também outras pessoas que atuam nos meios de comunicação, nos movimentos sociais, nos sindicatos, nas empresas e em tantas outras instâncias da sociedade. A educação formal, desse modo, não se limita exclusivamente à prática escolar, mas envolve outras esferas, a exemplo da educação de adultos, profissional e assim por diante (LIBÂNEO, 2004).

Segundo Gadotti (2000), a escola deve servir de bússola, como elemento orientador que favoreça uma formação geral voltada para a educação integral, superando a visão utilitarista cujo objetivo se restringe unicamente a oferecer informações “úteis” visando à competitividade, para a obtenção de resultados.

Observa-se assim, a necessidade de uma nova dinâmica a ser implementada, com novas metodologias e conteúdos que realmente tenham sentido para a vida do sujeito, promovendo saberes que permitam o desenvolvimento de valores relacionados à sustentabilidade ambiental, à valorização da cultura, à responsabilidade social.

Para tal, é imprescindível que os processos educativos não se limitem ao espaço da sala de aula ou até mesmo da escola, necessitando que sejam utilizados e aproveitados outros contextos educativos. Nesses termos, enfatizamos os aspectos relacionados à educação ambiental, cujo papel na contemporaneidade é de extrema importância e urgência em virtude da crise ambiental que circunda em nosso planeta.

3 O PAPEL DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

As preocupações e discussões voltadas para as questões ambientais tiveram início em meados da década de 1960, sobretudo, a partir da publicação do livro 'Primavera Silenciosa', de Rachel Carson, ativista que denunciava os malefícios causados pelo uso dos agrotóxicos.

A partir daí, vários eventos internacionais começaram a surgir (Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, 1972; Encontro Internacional sobre Educação Ambiental, 1975; I Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, 1977; Eco-92), bem como, leis e instrumentos orientadores com ênfase na promoção da educação ambiental (DIAS, 1998).

O que se observa, no entanto, é que mesmo com a realização de uma série de eventos internacionais em torno da problemática ambiental, no Brasil, a Educação Ambiental ainda é um campo do conhecimento em construção, se analisada do ponto de vista do processo prático-pedagógico. Há uma enorme carência de recursos materiais e instrucionais, bem como, de pessoal qualificado para efetivar sua implementação de maneira adequada e relevante.

Além disso, existe forte resistência por parte da sociedade em aceitar o novo, visto que sua incorporação requer mudanças profundas no comportamento e nas atitudes das pessoas, os quais devem assumir uma nova e diferente postura. Adaptar-se a novos paradigmas não é uma tarefa fácil, pois estes implicam transformações na estrutura social, acostumada a um sistema já solidificado.

Segundo Morin (2000, p. 14), "o que agrava a dificuldade de conhecer nosso Mundo é o modo de pensar que atrofiou em nós, em vez de desenvolver a aptidão de contextualizar e de globalizar." Nesse sentido, o avanço da Educação Ambiental no Brasil depende mais de uma mudança na percepção de vida e da espécie humana, do que da criação e constituição de leis e planos estratégicos que, na maioria das vezes, permanece apenas na teoria.

Nessa perspectiva, como bem ressalta Amâncio (2001), as ações ambientalmente educativas devem resgatar o papel do homem enquanto sujeito social, perpassando pelas questões envolvendo a mudança de valores e a reflexão sobre a própria visão de ser humano e de suas relações com os outros seres vivos.

Evidencia-se assim, uma proposta de Educação Ambiental enquanto:

[...] um processo de formação dinâmico, permanente e participativo, no qual as pessoas envolvidas passem a ser agentes transformadores, participando ativamente da busca de alternativas para a redução de impactos ambientais e para o controle social do uso dos recursos naturais (MARCATTO, 2002, p. 14).

Cabe ressaltar, no entanto que a educação ambiental enquanto processo só se efetivará e apresentará resultados significativos de fato a partir do momento em que nós, enquanto sujeitos sociais, históricos e culturais, percebermos o impacto de nossas ações e nos darmos conta da necessidade urgente de uma revisão individual de nossas concepções, nossos hábitos, comportamentos e atitudes. Corroborando com os pensamentos de Muller (2000), a Educação Ambiental só garantirá sua efetividade no momento em que todas as pessoas estiverem envolvidas, participando ativamente, de acordo com suas capacidades. A participação eficaz e responsável, que saiba respeitar o seu meio e interagir com ele, preservando-o ao invés de destruí-lo.

Para tal, “é necessário aprender a ‘estar aqui’ no planeta. Aprender a estar aqui significa aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar; é o que se aprende somente nas culturas singulares” (MORIN, 2000, p. 76). Os problemas ambientais são globais e para serem minimizados é necessário o envolvimento de todas as culturas, todos os povos, uma vez que somos todos habitantes da mesma esfera terrena, o planeta Terra.

Nesse contexto, a realização de ações em defesa do meio ambiente e da qualidade de vida das pessoas deve acontecer de maneira eficaz e permanente em todos os setores sociais (escolas, empresas, associações de moradores), buscando desenvolver esse pensar ressaltado pelos teóricos. Disso depende o futuro do planeta, uma nova ética a partir de outra visão de homem e de meio ambiente.

4 PROPRIEDADES RURAIS: ESPAÇOS DE ENRIQUECEDORAS EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS

Compreendidas até então como locais destinados à moradia das famílias rurais e à produção agrícola e pecuária, as propriedades rurais passaram a receber um novo enfoque no contexto da contemporaneidade, a partir do momento em que decidiram abrir suas portas para receber crianças e adolescentes provenientes de escolas, com objetivo de mostrar os seus saberes e fazeres aprendidos ao longo dos anos e/ou por gerações anteriores.

A valorização desses espaços enquanto laboratórios educativos ao ar livre tem se expandido e ganhado destaque na conjuntura internacional. Observa-se o crescimento exponencial de experiências envolvendo propriedades rurais e escolas em países como Itália (NAPOLI, 2006), França (CAFFARELLI et. al., 2010), Japão (OHE, 2012) e Estados Unidos (JOSHI; KALB; BEERY, 2006).

Na análise de Caffarelli et. al., (2010), as propriedades rurais representam ferramentas pedagógicas eficazes que favorecem o crescimento da consciência do papel social da agricultura e das áreas rurais e, numa perspectiva de desenvolvimento integrado, contribuem para a valorização dos recursos históricos, arqueológicos e culturais do território, representando, além disso, um meio eficaz de educação ambiental e nutricional a ser utilizado para fins educacionais.

Nesses termos, segundo Jolly et al., (2004, p. 633) a utilização da propriedade rural como recurso pedagógico na atualidade constitui-se em importante “ [...] fonte de renda para o agricultor, como uma plataforma pedagógica para o ensino e como fonte de identidade para uma população que está cada vez mais distante da agricultura e produção primária”.

Ohe (2012), a partir de pesquisas realizadas no Japão, evidencia experiências envolvendo propriedades rurais pedagógicas e como elas proporcionam oportunidades de lazer e também de aprender o que não pode ser experimentado na vida urbana, tais como a origem dos alimentos.

Ainda, segundo Jolly *et al.*, (2004, p. 633) argumentam que a utilização da propriedade rural como recurso pedagógico constitui-se em importante “[...] fonte de renda para o agricultor, como uma plataforma pedagógica para o ensino e como fonte de identidade para uma população que está cada vez mais distante da agricultura e produção primária.”

Em relação às atividades educativas propriamente, Nasolini (2005) aponta três ideias básicas que orientam essa prática nas propriedades rurais. A primeira está relacionada a uma pedagogia ativa, do *aprender fazendo*, representada por um conjunto diversificado de atividades práticas e experiências diretas; a segunda refere-se ao contato direto com animais e plantas em seu ambiente natural; e a terceira compreende a oportunidade de encontro e interação entre agricultores e jovens, possibilitando o enriquecimento das experiências destes, por meio da emoção e do conhecimento despertado.

De acordo com Franco e Senni (2005), o caráter inovador que caracteriza esse tipo de formação educativa está justamente no desenvolvimento de uma nova metodologia de ensino conhecida como *ensinar fazendo*, realizada por meio de diferentes atividades e recursos, tais como passeios educativos, aulas de ecologia ao ar livre e laboratórios de ensino. São atividades que contemplam diferentes finalidades como, por exemplo, a exposição e explicação dos processos biológicos das atividades agrícolas e da produção e processamento dos alimentos, ou ainda, de aspectos relacionados aos problemas ambientais presentes nas áreas rurais, decorrentes da má gestão dos recursos naturais.

Diante dessa conjuntura, D'Agostinho (2008) expõe que um dos objetivos das atividades desenvolvidas na propriedade rural é proporcionar às crianças maneiras de viver em harmonia com o meio ambiente, por meio de situações concretas e não somente proporcionar um conhecimento proveniente do mundo virtual, obtido por meio da internet e da televisão. A partir dessas experiências, as crianças têm a oportunidade de vivenciar e perceber um mundo que nem sempre é mostrado em sala de aula e tampouco na televisão, despertando sentimentos de pertencimento, de conexão com o seu ambiente (KLEIN; TROIAN; SOUZA, 2011).

Para além dessas questões, o turismo rural pedagógico desenvolvido nas propriedades rurais constitui uma importante ferramenta para a promoção da educação ambiental, na medida em que possibilita às novas gerações um verdadeiro 'mergulho' no mundo das experiências em contato direto com a natureza, a terra, as plantas, os animais, a origem dos alimentos, despertando assim, certo sentimento de cuidado, de atenção, de valorização para com o ambiente. Aspectos de fundamental importância no cenário atual, caracterizado por uma crise ambiental desenfreada e catastrófica.

5 METODOLOGIA

O presente estudo compreende um recorte da pesquisa de mestrado e tem como propósito evidenciar o papel desempenhado pelas propriedades rurais pedagógicas na promoção da educação ambiental. Utilizou-se como base analítica as informações coletadas durante a pesquisa de campo, tendo como universo empírico duas experiências no sul do Brasil: o projeto 'Viva Ciranda', de Joinville (SC) e o Roteiro Caminhos Rurais de Porto Alegre (RS).

Além da pesquisa bibliográfica, adotou-se como procedimentos metodológicos a observação sistemática não participante das atividades propostas e a realização de

entrevistas semiestruturadas, com 11 proprietários rurais, donos dos empreendimentos que oferecem atividades educativas para grupos escolares, sendo seis proprietários que integram o projeto Viva Ciranda e cinco que fazem parte do Roteiro Caminhos Rurais de Porto Alegre. Também foram entrevistadas 22 professoras, responsáveis pelas turmas de alunos que visitaram estas propriedades entre os meses de setembro a novembro de 2011.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados do estudo a respeito do papel desempenhado pelas propriedades rurais pedagógicas no âmbito da educação ambiental revelam um conjunto de questões que tornam esses espaços verdadeiros laboratórios de aprendizagem ao ar livre. Conforme foi possível constatar, as experiências desenvolvidas tanto no Projeto Viva Ciranda quanto no Roteiro Caminhos Rurais de Porto Alegre, apresentam roteiros pedagógicos com diferentes objetivos e atividades práticas a serem desenvolvidas pelas crianças e que favorecem diversas de experiências, envolvendo cheiros, sabores, cores, emoções e sensações.

6.1 Roteiro Caminhos Rurais de Porto Alegre

O Roteiro Caminhos Rurais de Porto Alegre compreende uma proposta de turismo rural desenvolvida nas áreas rurais da zona sul do município de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. O município está situado a leste do Estado gaúcho, no extremo sul do Brasil e possui cerca de 1.409.351 habitantes (IBGE, 2010).

Embora seja uma proposta em processo de desenvolvimento desde o final da década de 1990, somente no ano de 2005, o roteiro foi inaugurado oficialmente. Na época, a Secretaria Municipal do Turismo de Porto Alegre, em parceria com a Associação Rio-grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), no intuito de estimular as potencialidades existentes no meio rural porto-alegrense, passaram a auxiliar os agricultores familiares indicando os melhores locais de suas propriedades que poderiam ser mostrados aos turistas, em virtude da importância cultural ou beleza natural existente. A partir da identificação dessas propriedades interessadas, foi criado, então, o roteiro turístico Caminhos Rurais de Porto Alegre (SOUZA; ELESBÃO, 2009).

Segundo Rodrigues (2011), o roteiro Caminhos Rurais de Porto Alegre contempla atualmente 31 empreendimentos, distribuídos em onze bairros⁵ localizados na zona sul, oferecendo desde opções de lazer, gastronomia e hospedagem até experiências relacionadas à rotina de vida rural. Nesse quadro, encontram-se as propriedades que também desenvolvem atividades de caráter educativo, voltadas especificamente para o público escolar. Dentre elas estão o Sítio do Tio Juca, Sítio dos Herdeiros, Sítio do Mato, Sítio Recanto das Pedras e Granja Santantonio.

6.2 Projeto Viva Ciranda

O Projeto Viva Ciranda compreende uma proposta de turismo pedagógico que está sendo desenvolvida no município de Joinville, situado na região nordeste do Estado de Santa Catarina, ao sul do Brasil.

Oficialmente inaugurado em março de 2011, o projeto começou a ser idealizado ainda em 2010 por uma equipe de profissionais da PROMOTUR que, percebendo o cenário favorável existente na região, não somente em relação aos atrativos naturais e culturais, mas, sobretudo, pelo público potencial presente, relacionado ao número de estudantes, decidiu investir e elaborar uma proposta envolvendo propriedades rurais e escolas.

Assim, no ano de 2010, o projeto começou a ser idealizado e estruturado em etapas. Foram projetadas as seguintes: a primeira etapa, relacionada à seleção das propriedades que apresentavam potencial ou que já tinham alguma experiência de turismo rural pedagógico, que não precisariam de investimentos suntuosos e cujos proprietários tivessem interesse em inserir-se no projeto. A segunda etapa, envolveu a realização do diagnóstico das propriedades, objetivando conhecer as características físicas e estruturais das mesmas e o perfil dos proprietários. Assim, a partir desse grupo de interessados apresentando potencial e estruturas adequadas, formou-se um roteiro com seis propriedades, divididas em temas-chave: água e meio ambiente, flores, pequenos animais, cavalos, produção de mel e melado.

⁵ Os bairros que fazem parte do projeto Caminhos Rurais de Porto Alegre são: Belém Novo, Belém Velho, Lami, Vila Nova, Restinga, Cascata, Ipanema, Lageado, Hípica, Lomba do Pinheiro e Campo Novo.

Na terceira etapa, por sua vez consistiu na contratação de uma pedagoga para assessorar os proprietários. Para isso, a profissional visitou as propriedades, conversou com os agricultores e, a partir dos recursos identificados em cada uma delas, preparou entre duas e três atividades para serem desenvolvidas nesses locais. Feito isso, conseguiu-se então estabelecer uma parceria com a Secretaria da Educação do município, que disponibilizou um ônibus e selecionou quatro escolas para a realização do teste-piloto no segundo semestre de 2010.

Com esse teste, foram geradas fotos e materiais para a elaboração de uma cartilha, visando à elaboração de uma proposta maior, a qual foi apresentada ao Ministério do Turismo em Brasília, mais precisamente em dezembro de 2010, e cuja aprovação ocorreu no mesmo mês. O referido órgão governamental disponibilizou 168 mil reais para a execução do projeto, o que permitiu subsidiar 55 visitas as propriedades, bem como a confecção do material de divulgação e o oferecimento de treinamentos.

No ano de 2011, em que a pesquisa foi realizada, faziam parte do projeto seis propriedades rurais: Agrícola da Ilha, Propriedade da Família Schroeder, Sítio Vale das Nascentes, Apiário PFAU, CTG Chaparral e Propriedade do Senhor Ango Kersten.

6.3 Propriedades rurais pedagógicas : experiências práticas e aprendizagens distintas

Os diversos roteiros desenvolvidos nas 11 propriedades analisadas evidenciam um conjunto de elementos presentes nas atividades desenvolvidas relacionadas a quatro questões-chave. A primeira delas compreende a ideia do “aprender-fazendo”, representada pelas atividades práticas junto à natureza.

Experiências como participar do plantio de hortaliças (Granja Santantonio; Sítio do Mato; Propriedade da Família Shroeder), aventurar-se por trilhas em meio à mata nativa (Agrícola da Ilha; Sítio do Mato), passear de carreta puxada por um trator em caminhos circundados por paisagens tipicamente rurais (Propriedade do Senhor Ango Kersten; Granja Santantonio) ou então poder segurar e/ou tocar em animais como coelhos, galinhas, perus, ovelhas, cabritos, patos, porcos (Propriedade da Família Shroeder; Sítio dos Herdeiros; Sítio do Mato), constituem vivências de significativo valor em termos pedagógicos. São experiências enriquecedoras, indeléveis, que despertam os sentidos, provocando sensações e emoções e também, um novo olhar acerca do rural, da natureza.

A segunda questão-chave refere-se à educação ambiental, evidenciada pelas explanações acerca da preservação da flora, fauna e dos recursos hídricos (Sítio Vale das Nascentes; Agrícola da Ilha), do processo de produção agroecológico (Sítio do Tio Juca; Recanto das Pedras; Sítio dos Herdeiros; Granja Santantonio; Propriedade da Família Shroeder), dos cuidados para com os animais (Propriedade do Seu Anjo Kersten; Propriedade da Família Shroeder; CTG Chaparral; Apiário PFAU).

São saberes evidenciados pelos proprietários que explicitam a preocupação e o envolvimento destes em relação às questões ambientais. Conhecimentos aprendidos na prática, no trabalho diário junto a terra e que, de maneira muito simples são expostos para as turmas de alunos. Cabe ressaltar que diversas dessas crianças cresceram em espaços urbanos, cercadas por prédios, sem qualquer contato com o meio rural. Nesse sentido, destacamos alguns discursos dos entrevistados e que evidenciam tal questão:

Hoje eu chamo as crianças de caipiras do asfalto, porque eles não têm essas vivências, vivem em apartamentos, em locais fechados sem contato com as coisas da natureza, o que conhecem é pela televisão, filmes, desenhos e internet... Então, com essas vivências eles levam muita coisa daqui, um olhar do ambiente, do ar que é bom, a questão da preservação, da reciclagem do lixo, a consciência deles de saber que existe um outro mundo (MAURI WEBBER, PROPRIETÁRIO DO SÍTIO DO MATO, 01/10/2011).

Muitos vêm aqui e acham que o leite sai da geladeira ou da caixinha, então essa experiência de poder ordenhar uma cabra, que são animais dóceis, mostrando de onde vem o leite, o ovo e também mostrar para elas a parte da produção orgânica, que tem como trabalhar sem agrotóxico e com qualidade, tudo isso é muito importante para essas crianças que estão aí hoje (ACÁCIO SCHROEDER, DONO DA PROPRIEDADE DA FAMÍLIA SHROEDER, 11/10/2011).

O que a gente percebe hoje é que essas informações que a gente passa para as crianças e essas atividades que eles vivenciam aqui marcam muito, tanto que muitas vezes eles vem como adolescentes, depois de alguns anos, seis, sete anos eles ainda se recordam e chegam a agradecer, porque muitos nunca tiveram esse contato, pois moram praticamente no perímetro urbano e eles não tem a noção de como é esse processo. E vindo aqui, eles passam a ter um conhecimento muito grande a respeito e que não é só para aquele momento, é para a vida toda. (ANGO KERSTEN, DONO DA PROPRIEDADE DO SENHOR ANGO KERSTEN, 12/10/201).

Nesses termos, não apenas os saberes expostos pelos proprietários ganham importância no contexto da educação ambiental, mas também, as múltiplas experiências em contato com o rural, que permitem aos estudantes um verdadeiro ‘um mergulho’ neste universo repleto de

sabores, cheiros, sons e cores: é o sabor do melado (Propriedade do Senhor Ango Kersten), do mel de abelha (Apiário Pfau) ou das pitangas (Sítio Recanto das Pedras), dos morangos (Propriedade do Tio Juca) e das alfaces (Granja Santantonio), todos colhidos e saboreados na hora; o perfume das flores (Agrícola da Ilha), o aroma de plantas medicinais como citronela, hortelã, poejo, alecrim, cidreira e arruda (Recanto das Pedras); é o barulho que se ouve em meio a mata fechada, do vento, da água, dos pássaros, da natureza que expressa com toda beleza e encantamento a sua magnitude e perfeição.

Tudo isso cercado por um mundo de cores, de diferentes tonalidades, texturas, encontradas nas plantas, nas frutas, nas flores, na terra ou nos animais (pavão, coelhos, cavalos, cabras, patos). Um mundo de muitas emoções, tal como aquelas sentidas pelas crianças enquanto tiravam leite da cabra (Propriedade da Família Shroeder), brincavam e alimentavam peixes que vinham comer na mão (Agrícola da Ilha), andavam a cavalo pela primeira vez na vida (CTG Chaparral), observavam de perto uma nascente de água (Sítio Vale das Nascentes) ou ‘atravessavam’ de carroça um rio límpido e transparente (Propriedade do Senhor Ango Kersten). Alegria, entusiasmo, curiosidade, receio, são sentimentos que afloravam naturalmente nos grupos de alunos, evidenciando o quão valioso são estas experiências na vida de cada uma delas.

A terceira questão chave identificada nas atividades educativas desenvolvidas nas propriedades rurais está associada à valorização da cultura rural, isto é, ao dia a dia do agricultor, às atividades agrícolas e pecuárias desenvolvidas na propriedade e aos costumes e tradições das famílias rurais. O resgate dessas questões, feitas a partir do contato com o rural, torna-se uma atividade de fundamental importância para as escolas, no sentido de possibilitar o (re) conhecimento do patrimônio cultural por parte de uma geração que parece estar cada vez mais distante desse universo valioso. Nesses termos, ressaltamos algumas falas dos professores entrevistados e que demonstram exatamente esta questão:

Acredito que estas atividades ajudam a reconhecer o trabalho do agricultor, conhecer a origem dos alimentos, saber de onde vêm as coisas, e também saber cuidar de fato do meio ambiente (professora do 4º ano, em visita com a turma ao Sítio Vale das Nascentes).

É interessante saber de onde vêm as coisas, a origem dos alimentos, e também, a nossa história, como era antigamente, como viviam as pessoas, que objetos elas utilizavam para na cozinha, no trabalho. E a visita também ajudou a melhorar a visão que eles tinham da profissão de agricultor. Antes eles pensavam que o produtor rural, o agricultor era pobrezinho, que era agricultor porque não tinha mais o que trabalhar, e agora depois que foram lá, viram que ser agricultor é um serviço, uma

profissão e que dá para viver muito bem, ficaram falando sobre o tamanho da propriedade, como é grande. (professora do 4º ano, em visita com a turma à propriedade do Senhor Ango Kersten).

Eu acho importante essas atividades para eles perceberem a dificuldade que é de plantar, não é só chegar e colocar na terra, tem que ter todo um preparo, um conhecimento do solo, métodos, tudo o que é necessário para que a verdura no caso, se desenvolva (professor de geografia com turma do 5º ano em visita ao Sítio do Tio Juca).

Como é possível observar, há um consenso entre os professores em relação ao papel desempenhado pelas atividades educativas desenvolvidas nas propriedades rurais, não apenas no que concerne à valorização do agricultor e do seu trabalho desenvolvido, mas também e, sobretudo, da possibilidade dos alunos conhecerem de perto a origem dos alimentos e o processo de produção.

Tal questão está diretamente relacionada ao último elemento chave, qual seja, a educação alimentar e nutricional. Em quase todos os roteiros destacamos este elemento ressaltado nas discussões acerca dos processos e origem de diferentes alimentos, dos benefícios de uma alimentação saudável, do valor nutricional de certos alimentos e das propriedades medicinais de algumas plantas. Discussões estas realizadas durante as visitas em espaços como a horta, o pomar, as plantações de cana-de-açúcar ou a oficina de alimentação saudável.

Ressalva-se que tais questões, no quadro das atividades propostas, se complementam entre si. Em determinadas situações, é possível que uma ou outra permaneça ausente ou então que uma se sobreponha às demais, recebendo maior destaque. No entanto, em nenhum dos roteiros analisados essas questões apareceram sozinhas e isoladas, atuando sempre de forma conjunta e integrada, numa perspectiva interdisciplinar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi possível analisar, todos os roteiros propostos nas 11 propriedades analisadas são compostos por uma gama de atividades educativas que possibilitam às crianças o entendimento de questões simples que em sala de aula não são facilmente compreendidas ou são deixadas de lado. Concomitantemente, permitem aos diferentes grupos de estudantes, uma série de experiências em contato direto com os elementos da natureza.

Nesse contexto, as propriedades rurais pedagógicas emergem como importantes espaços educativos que vêm a contribuir para o aprendizado dos alunos, independente da

sua faixa etária, constituindo-se, por conseguinte, em um instrumento eficaz de promoção da educação ambiental e alimentar e de valorização da cultura rural.

Evidencia-se assim, a necessidade desse tipo de atividade ser utilizado com mais frequência pelas escolas, em complemento ao ensino de sala de aula, proporcionando aos alunos experiências diferenciadas, eficientes e coerentes de promover uma verdadeira educação ambiental.

Contudo, para que isso aconteça é preciso inicialmente que as escolas conheçam esses espaços, saibam o que é o turismo rural pedagógico e quais as suas contribuições para o aprendizado dos alunos. Que percebam que os proprietários rurais podem ser importantes parceiros nesse processo.

A reflexão final acerca da análise exposta converge para uma conclusão, qual seja, a de que as atividades educativas desenvolvidas no âmbito das propriedades rurais pedagógicas permitem aos alunos; experiências enriquecedoras e indeléveis, despertando um novo olhar sobre o ambiente rural e natural; aos professores, uma maneira eficaz de ensinar os conteúdos trabalhados em sala de aula, numa perspectiva interdisciplinar e contextualizada; e à escola, uma forma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÂNCIO, C. O. G. **Educação Ambiental: Uma Problematização Crítica Deste Conceito**. Lavras: UFLA/FAEPE, 2001, p. 35-75.

BARCELOS, Valdo. Educação Ambiental, infância e imaginação. In.: **QUAESTIO**. Revista de Estudos da Educação. V.1, nº1. Sorocaba, SP: Uneso, 1999.

CAFFARELLI, J.; COQUILLAUD, M.-S.; DANIEL, V.; THOU, M. **Créer une ferme pédagogique: de l'idée à la réalisation**. França: Educagri Editions, 2010.

D'AGOSTINO, L. Il profilo e le caratteristiche di una Fattoria Didattica. In: **La rete delle Aziende e delle Fattorie Didattiche in Sicilia**. La documentazione dell'esperienza, Regione Sicilia/Arpa, v. 2, 2008. Disponível em: <www.arpa.sicilia.it/UploadDocs/1369_Fattorie_Didattiche.pdf> Acesso em: 30 jul. 2011.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. São Paulo: GAIA, 1998.

DUVOISIN, I. A. A Necessidade de uma visão sistêmica para a educação ambiental: conflitos entre o velho e o novo paradigmas. In: RUSCHEINSKY, A. (Org.). **Educação Ambiental: abordagens múltiplas**. 1 ed. Porto Alegre: ArtMed, 2002, v. 01, p. 91-104.

FRANCO S. E SENNI S. La funzione sociale dell'agricoltura. Il caso del Lazio, **Quaderno ISE** n. 15, Regione Lazio - Università della Tuscia, 2005. Disponível em < www.grupponoise.it/files/doc02.pdf > Acesso em julho de 2011.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

JOLLY, L., E. KROGH, T. NERGÅRD, K. PAROW OG B. VERSTAD. The Farm as a Pedagogical Resource: background for and evaluation of the co-operation between agriculture and primary school in the county of Nord-Trondelag, Norway. **Proceedings** of the Sixth European IFSA Symposium. Research and Extension, v. II, page 497-507. Vila Real, Portugal. Disponível em < [www.livinglearning.org/.../The Farm as a Pedagogical ResourcePortugal.pdf](http://www.livinglearning.org/.../The_Farm_as_a_Pedagogical_ResourcePortugal.pdf) > Acesso em março de 2011.

JOSHI, A.; KALB M.; BEERY M. **Going Local: Paths to Success for Farms to School Programs**. Program of the USDA Cooperative State Research, Education and Extension Service, 2006. Disponível em: <<http://departments.oxy.edu/uepi/cfj/publications/goinglocal.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2011.

KLEIN, A. ; TROIAN, A. ; SOUZA, M. . O turismo rural pedagógico e a educação ambiental: as ações pedagógicas desenvolvidas na fazenda quinta da estância grande viamão (RS). **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 27, p. 107-121, 2011. Disponível em < <http://www.remea.furg.br/edicoes/vol27/art8v27.pdf> >

LIBANEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 7 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAGALHÃES, Milda G.D. **A pedagogia do êxito: projetos de resultado**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MARCATTO, C. **Educação Ambiental: Conceitos e Princípios**. Belo Horizonte: FEAM, 2002.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MULLER, Jackson. **Educação Ambiental: diretrizes para a prática pedagógica**. Porto Alegre, 2000

NAPOLI, L. **A new reality for italian rural areas: Educational farms**. *University of Salerno, Italy*, 2006. Disponível em < <http://www.openstarts.units.it/dspace/bitstream/10077/865/1/f4napoli.pdf> > Acesso em março de 2011.

OHE, Y. Operators' attitudes on educational tourism in agriculture. In: PINEDA, F.D.; BREBIA, C.A. **Sustainable Tourism**. WIT Transactions on Ecology and the Environment, 2012. v. 161.

NASOLINI, T. **Educare all'ambiente e all'alimentazione**. In: BERTOLINI, S. (Ed.), **Quaderni INFEA**, v. 4, Nuovi educatori ambientali/2-Esperienze seminariiali nel Master in

Educazione ambientale. Bologna: Regione Emilia-Romagna, 2005. Disponível em: <http://www.ermesambiente.it/wcm/infea/sezioni_laterali/formazione/master_in_ea/Master_EA/master_ea/infean4.pdf> Acesso em: 20 jun. 2011.

RODRIGUES, M, C. **Pedagogias do turismo rural e patrimonialização da natureza:** uma análise cultural dos caminhos rurais de Porto Alegre. Canoas. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação), ULBRA, 2011.

SANTOS, M. SCAROBOTTO, S. C. A, MATOS, E L. M. Imigrantes e Nativos Digitais: um Dilema ou Desafio na Educação? In: X Congresso Nacional de Educação – **EDUCERE**. I Seminário Internacional de Representações sociais, subjetividade e Educação. Curitiba, 7 a 10 de novembro de 2011. http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5409_3781.pdf; Acesso em junho de 2013.

SOUZA, M.; ELESBÃO, I. A Introdução de uma inovação social entre agricultores familiares: o turismo rural em dois Roteiros do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil (no prelo). In: Luís Moreno *et all.* (Orgs.). **Cultura, Inovação e Território**. 1 ed. Lisboa-Coimbra: SPER, AEEA, ESAC-IPC, 2009, v. 1, p. 1-13.